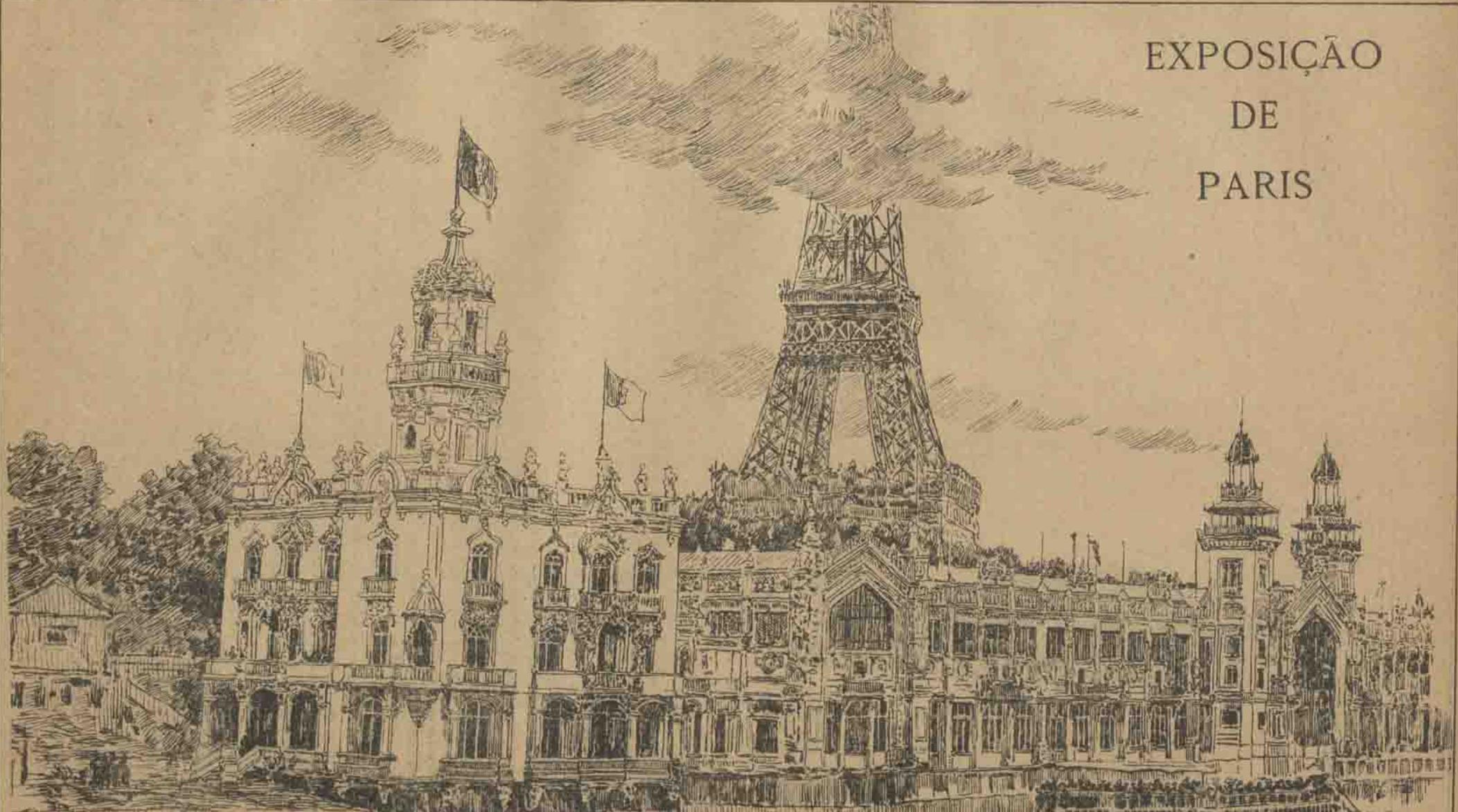


EXPOSIÇÃO DE PARIS



O pavilhão portuguez, e o palacio dos productos alimenticios, no Quai d'Orsay.

Mausoleu para Antonio Pedro



ANTONIO PEDRO, NO "ALTO VARETA".
SEGUNDO UMA PHOTOGRAPHIA TIRADA
EM 1867.

Mesmo junto ao sepulchro d'emprestimo onde foram encerrados os restos do nosso grande comediante, os amigos accordaram em sollicitar da benevolencia publica soccorros com que erigir-lhe um monumento funebre, condigno. N'este sentido espalharam, poucos dias depois, a seguinte carta:

«A Commissão Executiva nomeada pelos amigos e admiradores do actor Antonio Pedro, em sessão de assembleia geral do 1.º do corrente, para obter os meios de erigir um tumulo aos restos mortaes do malogrado artista, e de minorar ao mesmo tempo as precarias circumstancias da sua familia, resolveu, para começar a desempenhar o seu mandato, rogar á Imprensa Periodica d'esta capital se digne patrocinar a subscrição publica já aberta para o mencionado fim, consentindo, como prova da sua adhesão valiosissima á meritoria obra, em abrir nas columnas dos seus respectivos orgãos listas para a mencionada subscrição, honrando-a outrosim, cada um d'elles com o donativo que as suas illustradas Redacções se servirem offerecer.»

Os Pontos nos ii, seguindo o exemplo dos seus outros collegas da imprensa, abrem nos seus escriptorios a lista de subscrição para as despezas do monumento a Antonio Pedro, e assignam per sua banda com 4\$500 réis.



De raspão...



O Conservatorio real de Lisboa fechou na quarta feira as suas portas, para ir festejar com educandos e educandas, o patrono da casa—nada menos do que o bemaventurado S. Caetano.

Quaes as origens historicas da protecção d'este santo ás pianistas e aos tocadores de flauta, ignoramos, e não viria para aqui celebrar, tão pouco, a paciencia do martyr, que por mais d'uma vez haverá sido esfolado pelas carnicceiras mãos dos seus protegidos.

Mas faz-se ideia do aferro com que as jovens aprendizas de musica se não terão agarrado aos caracoos da cabelleira do santo, no frenesi d'imploração pelo bom exito dos seus exames—e calcula-se dos osculos que a cabeçorra d'elle não terá apanhado, dos labios d'aquellas que já tiverem visto galordoados de successo os exercicios de musica dos ultimos nove mezes lectivos!

Quando no nosso ultimo numero trasladavamos a prosa d'um tal M. P. das *Novidades*, contando os namoricos havidos entre a população bi-sexual do Conservatorio, posto esperassemos muito do ardor peninsular d'elles com ellas, realmente não previamos que os sentimentos amorosos de todos subissem ao phrenesi d'uma apothese publica a S. Caetano—e na igreja dos Caetanos de mais a mais!

O *Diario Popular*, que em descripções de festas d'egreja é d'uma prolixidade inteiramente cynica e des-honesta, ao notificar a festa dos alumnos do Conservatorio, cita com elevação especialmente os exercicios de garganta a que se deram algumas meninas, no *Agnus Dei*, e dá por extenso o nome d'um moço, que executou um solo de flauta, em termos de deixar extasiado o sr. Barros Gomes, que assistia á festa.

(haja aqui tosses)

Ora, com aptidões musicas assim reveladas no Conservatorio, admira um pouco que a sr.ª ministra do reino concedesse o subsidio de 600\$000 réis a uma menina de Vizeu, p'ra esta se abalar ao estudo do canto, n'algumas das principaes cidades italianas. Porque enfim, des'que o Conservatorio aperfeiçoa meninas na arte lyrica, pela fórma que o Popular exara, porque demonio anda a sr.ª do reino a subsidiar, com dinheiro nosso, a melomania das primas-donas da provincia? Querem vêr que os duzentos e oito mariolas que foram á Exposição, com quatro libras diarias, tambem obtiveram do Estado a gorda espatula, mediante o seu titulo de cantoras de Vizeu?



Chegado d'Elvas, desembarcou em Lisboa o sr. coronel Fontes Pereira de Mello, que vae commandar em Chaves, cavallaria 6.

Com *remember* a Elvas, publicou n'um jornal da cidade, uma composição lyrica de grande lastima e melancholia, onde atravez copia d'imagens e adeuses, brilha esta quadra:

*Do Norte ao Sul, do Oriente ao Occidente,
Nos páramos da sorte triste ou bella,
Ou entre as festas e luxo do Oriente
Serás oh Elvas, da minha vida a estrella...*

Ai! toca a verter aguas, senhor coronel!



Emquanto porém os coroneis de cavallaria se fazem poetas, fez-se photographo, Demosthenes. Como tudo isto está mudado!

O celebre casuista antigo, que atravessou incólume, não sei como, as edades da historia, até nossos dias, tira agora retratos n'um segundo andar do bairro da Estrella, e annuncia no *Diario de Noticias* precisar d'um rapaz para lhe trazer a machina pelas ruas. Deus permita que o exemplo d'esta conversão d'um orador estrangeiro á photographia, seja imitado por outros nacionaes, de cuja verborrhagia sorna estamos fartos. Demosthenes, photographo em Lisboa; Catão, barbeiro em Coimbra; Augusto, cantor na Trindade; Pompeu, retrozeiro na rua da Prata; Horacio, medico de partido; Cornelio, tabellião... mas isto lembra uma antiguidade drolatica á Caran d'Ache, e faz-nos scismar sobre que reproduções baratas cahirão d'aquí a seiscentos annos as grandes figuras da nossa galeria contemporanea, desde José Luciano, até ao vencido da vida Soveral.

Cito estes nomes por puro deleite de cuidar que sejam elles os vertices das duas mais syntheticas pyramides da vida portugueza: a do pensamento e a do sportismo: e porque em verdade, outros não sei que alguma coisa altiva representem, tamanha a decadencia pre-agonica em que rolámos.

Em balde, no dizer do *Commercio do Minho*, os jornalistas de Braga procuraram *afirmar a sua solidariedade nos concursos do espirito*, jantando mensalmente no Grande Hotel do Bom Jesus, e com tal ingurgitação de solidos e de liquidos, que á sobrezeza do ultimo banquete, rompeu um d'elles aos ais da estomagueira brutal com que ficara, emquanto outros, não tendo podido mesmo *afirmar solidariedade no concurso vertical*, quanto mais nos do espirito, se reboavam no solo, berrando que se rentavam p'rá civilização mais para o diabo. Mas nem com banquetes d'esta ordem, a inanição geral deixa de ser; e tirante Braga, a rua dos Navegantes, e o sr. addido em Londres, o mais é tudo uma caganifancia sem valor.



Cumpra dar nota das coisas que em Paris mais teem maravilhado o Luiz d'Araujo. E' bom conhecer a capacidade d'este homem celebre para o deslumbramento, e repetir á Europa as phrases incisivas porque elle reage ou cede, ao phenomeno reflexo da admiração.

«Não lhes quero omittir, escreve o distincto viajante ao *Diario de Noticias*, uma cousa digna de toda a attenção e de se observar sem a *grand vitesse*. E' na galeria das machinas, no pavimento superior, o trabalho dos belgas e hollandezes, a faceiarem os brilhantes brutos...»

A faceiarem os brilhantes brutos... O Luiz d'Araujo imaginou-se talvez em face d'uma officina de lapidadores. Engano. Os brilhantes brutos são com toda a certeza socios do *Turf-Club*. Não ha outros! E se hollandezes e belgas estavam a faccer n'elles, é que a officina, em vez de joalheria, era um barbeiro.

IRKAN.

GATO PRETO



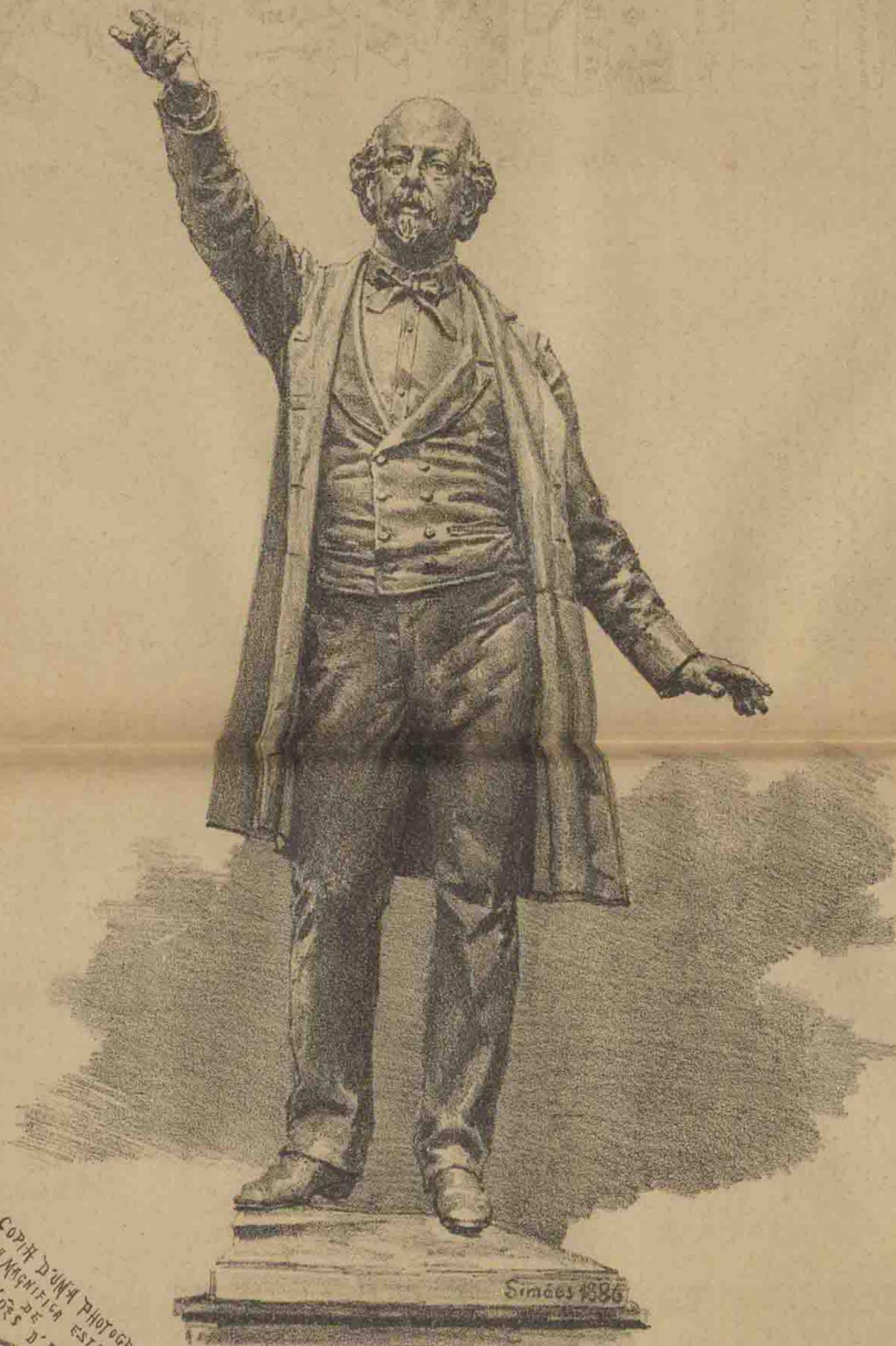
Rectificando:

Tinhamos dito no nosso ultimo numero, que a magica da Trindade, *Gato Preto*, era original d'Augusto Garraio. Acabamos porém de receber uma carta, onde um nosso velho amigo explica que a magica era original do fallecido Borges d'Avellar, sendo apenas as copias, de Garraio.

Já agora digamos tudo. O *Gato Preto* afinal não é original de nenhum dos dois, mas pura e simplesmente um *arreglo* ou imitação da velha magica franceza *La queue du chat noir*. E se remexermos muito, indase vem a provar que a magica franceza é traducção d'uma outra, etc., etc., e assim successivamente até ás origens do mundo.

Ora pois!

JOSÉ ESTEVÃO



COPIA D'UMA PHOTOGRAPHIA
DA MAGNIFICA ESTATUA
DE JOSÉ ESTEVÃO
SIMÕES D'ALMEIDA

Aveiro vae inaugurar no dia 15 d'agosto a estatua em bronze do seu mais illustre filho. De todos os lados do paiz se preparam demonstrações effusivas, com que depôr aos pés do egregio tribuno, revivido em escultura, a homenagem d'um povo grato ás dedicações civicas dos seus campeões e dos seus martyres. A essa festa sympathica queremos nós levar o nosso concurso modesto, consagrando esta pagina á memoria do maior orador peninsular do presente seculo.

FABRICA DE VIDROS NA AMORA



Uma sociedade commercial composta dos srs. José da Silva Gomes, Guilherme e Jayme Gilman, e Justino Guedes, fundou no sítio da Amora uma fabrica de vidros, cujo principal intuito é fornecer garrafas de vidro portuguez aos numerosos ramos do commercio de liquidos, que até agora importavam aquelles artefactos dos mercados da Allemanha e d'Inglaterra. As garrafas da nova fabrica, que podemos vêr já fabricadas, por series de muitos milhares, rivalisam em tudo com os mais bellos e os mais perfectos especimens estrangeiros. Para inaugurar condignamente a fabrica da Amora, os seus directores e proprietarios convidaram a imprensa a um lunch no proprio edificio da fabrica, o qual foi magnifico.

LIVROS E JORNAES

—**Revista de Portugal.** Sahiu o primeiro fasciculo, collaborado por Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Fialho d'Almeida, Conde de Sabugosa, Moniz Barreto, e P. d'Oliveira. E' uma synthese, aliaz fulgurante, da reviviscencia letteraria e intellectual portugueza, onde o leitor aprenderá a crear sympathia pelos seus artistas e homens d'estudo, que tão desajudados andam das suas ovações. O fasciculo que recebemos pertence ao mez de junho ultimo, e está tendo, felizmente para todos, um successo de livraria além de toda a expectativa. Ainda be n!

—**D. Margarida Relvas, por Alves Mendes.** E' o panegyrico da primeira esposa do nosso amigo Carlos Relvas, que o brilhante orador Alves Mendes pronunciou na igreja da Gollegã, por occasião dos serviços funebres mandados celebrar em suffragio á alma d'aquella illustre senhora. N'este, como da resto nos seus outros trechos d'eloquencia, o orador leva a dicção tó um poder de cõr admiravel, e consegue desenhar com firmeza esse perfil gracioso de mulher bondosa, que foi durante tantos annos, a fada do seu lar, e a providencia dos pobres da sua terra. O volume que encerra o discurso funebre d'Alves Mendes, é uma edição correcta da casa Silva Teixeira, do Porto, e enriquecem-no magnificas phototypias da igreja da Gollegã, retrato da finada, cortejo funebre, etc.—Muito agradecidos pelos exemplares que recebemos.

GALERIA DO CRIME

O TERRAS



E' um assassino de 60 annos, ruivo, atarracado e corcunda, como o Quazimodo de *Notre Dame de Paris*. Apanhado a derriçar com a amante do Galdeira (o assassinado) apanhou d'este uma sova medonha, de que não buscou defender-se, attento o seu estado d'embriaguez, senão ao cabo de haver recebido no corpo, grande numero de pancadas e contuzões. Mas a paciencia humana tem limites, mesmo a dos bebados; e sahido do seu turpor alcoolico, o Terras corre ao batel da venda da fressura (eram fressurciros ambos) sacca o cutello, e d'um unico golpe, prostra sem vida o miseravel que o agredira.

Antes d'este crime, o Terras não passava d'um bebedor grotesco e inoffensivo, que os garotos da rua faziam dançar ao som de chascos, e que todo o Bairro de S. Lazaro conhecia de o ver a cambalear de taberna em taberna, todas as tardes, depois da venda.

— *Revista de Neurologia e psychiatria*, publicada sob a direcção do dr. Bellencourt Rodrigues. N.º 1 e 2 da 2.ª serie. E' o unico jornal de sciencia nervosa que se publica em Portugal; e além dos artigos da especialidade, firmados por nomes taes como o de Bellencourt Rodrigues, Julio de Mattos, etc., encerra um copioso archivo bibliographico, onde os estudiosos poderão informar-se acerca das publicações mais modernas e mais auctorizadas de psychiatria.

A edição da *Revista de Neurologia e psychiatria* corre por conta do nosso esclarecido amigo e intelligente editor Henrique Zeferino; tanto monta dizer que é muito elegante e nitida. O n.º 2 da segunda serie traz, além da usual sumula scientifica, um artigo sobre a famosa microcephala *Benwinda*, acompanhado de duas excellentes photographias.

Recommendamos a publicação a todos os medicos e eruditos de Portugal.

Historia do Cerco do Porto

POR

S. J. DA LUZ SORIANO

— Estão publicados cinco fasciculos d'esta magnifica publicação historica, impressa em magnifico papel, e enriquecida de gravuras, de que é editora a casa Leite Guimarães, e agente em Lisboa o nosso amigo Gonzaga Gomes. Recommenda-se a obra, já pela reputação de solidez com que é escripta, já pelo luxo typographico, e esmerpulo artistico da edição.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

COMPANHIA FRANCEZA



E' um punhado d'artistas cheios de verve, qual mais excêntrico e original, que se reuniram um pouco pelo caminho das suas terras, até Lisboa, em termos de chegarem cá formando um todo hillariante e desconexo. Entre as figuras mais interessantes da troupe, figuram o artista *Casthor*, notavel em imitações de typos conhecidos, o ventriloquo *Carel*, e o excêntrico *Dolffs*, genero inglez, cujas pantomimas musicas tem pilhas de graça. A troupe é além d'isso digna de se visitar por muitas vezes, porque varia constantemente os espectáculos.